

## Shakespeare no Brasil: traduções brasileiras do cânone shakespeariano

Profa. Dra. Marcia A. P. Martins<sup>1</sup> (PUC-Rio)

### **Resumo:**

*Este trabalho apresenta as bases de um estudo sobre as traduções brasileiras do teatro shakespeariano com a proposta de contextualizá-las, analisar os respectivos projetos editoriais e tradutórios e acompanhar sua recepção. Na medida em que cada tradução cria uma imagem própria da obra e do seu autor, a proposta do estudo é fornecer aos leitores/espectadores em potencial meios de identificar as versões brasileiras que mais correspondem às suas próprias expectativas e idealizações em relação à poesia dramática shakespeariana. Os resultados da pesquisa estão disponíveis para consulta no Centro de Referência para Traduções Brasileiras do Teatro Shakespeariano, que consiste em uma base de dados online e um acervo físico de traduções publicadas.*

**Palavras-chave:** estudos da tradução, Shakespeare, tradução teatral, estratégias tradutórias

### **Introdução**

A força cultural de William Shakespeare é um fenômeno incontestável, confirmado pela presença constante de sua obra nos palcos do mundo inteiro e no imaginário universal. O ritmo de adaptações de suas peças para outros meios, principalmente o cinema, vem aumentando visivelmente, assim como a publicação de traduções para outros idiomas, inclusive o português do Brasil. De 2000 à primeira metade de 2008 já foram publicadas 41 novas traduções brasileiras de peças do cânone, contra 25 em toda a década de 1990. Todo esse sucesso nos faz pensar sobre o papel fundamental da tradução na difusão do teatro shakespeariano, já que, sem essas traduções, Shakespeare não teria conseguido ocupar por tanto tempo um lugar tão central no cânone ocidental – até pelo fato de escrever em uma língua que só se tornou hegemônica em meados do século XX. Além disso, as peças shakespearianas têm sido constantemente relidas e reinterpretadas à luz de novas teorias, como, por exemplo, o marxismo, a psicanálise, o pós-colonialismo e a nova história, em suas várias manifestações e correntes. Essas diferentes visões e abordagens também vão, naturalmente, refletir-se nas traduções, que trarão marcas de tais *insights* e concepções. Dessa forma, cada nova tradução cria uma imagem diferente da obra propriamente dita e do seu autor, imagem essa muitas vezes contrária àquela considerada “canônica” no momento. Traduções que, por exemplo, reproduzem a linguagem por vezes vulgar e obscena, e os trocadilhos grosseiros encontrados na maioria das peças, particularmente nas comédias, tendem a ser rejeitadas em um ambiente de recepção no qual predomina a imagem de Shakespeare como autor de uma elite cultural, de quem se espera uma dicção sempre elegante e sofisticada. Mas as diferenças entre as traduções vão muito mais além: existem aquelas mais voltadas para o palco, enquanto outras têm como objetivo principal a leitura; algumas procuram observar rigidamente o esquema métrico e rímico do original, que alia o verso, branco e rimado, à prosa, enquanto outras prosificam o texto por inteiro; há tradutores que optam por uma estratégia arcaizante, buscando evocar a ambientação e o uso da linguagem da época do texto original através de soluções históricas comparáveis no plano linguístico, literário, e sociohistórico, enquanto outros recorrem a uma estratégia modernizadora, adotando um enfoque mais contemporâneo, especialmente na dicção e na poética. Em suma, como observa Anthony Burgess, “o Shakespeare do século XX é diferente daquele do século XIX; o Shakespeare da década de 1970 é diferente do Shakespeare da década de 1960. E assim será enquanto houver civilização; e cada novo aspecto de Shakespeare será tão verdadeiro quanto qualquer um outro” (1996:88).

Diante desses fatos, pareceu-nos relevante empreender um estudo amplo dessas traduções, com a proposta de contextualizá-las, conhecer os respectivos projetos editoriais e tradutórios, analisar os diferentes produtos, estudar a sua recepção e examinar também as representações do autor e

de sua obra que estão sendo construídas pelas traduções que circulam no nosso sistema cultural. Para disponibilizar os resultados da pesquisa foi implantado o Centro de Referência para Traduções Brasileiras da Obra de William Shakespeare, com instalações físicas na cidade do Rio de Janeiro (acervo de traduções, edições das peças em inglês, obras de teoria e crítica e outros textos relevantes) e um portal na rede mundial de computadores para consultas do público em geral, com *links* para outros *sites* de interesse. O Centro de Referência, disponível em <http://www.lettras.puc-rio.br/shakespeare>, será permanentemente atualizado, por meio da incorporação de novas traduções e respectivas análises a sua base de dados.

Acreditamos que esse estudo poderá, ainda, contribuir para a historiografia da tradução no Brasil, na medida em que lançará luz sobre práticas tradutórias e editoriais observadas nas últimas oito décadas, e também para a formação de leitores e de platéias.

## **1 Pressupostos teóricos: a teoria dos polissistemas e os Estudos Descritivos da Tradução**

A teoria dos polissistemas, esboçada por Itamar Even-Zohar no início dos anos 1970, fundamenta-se na concepção sistêmica da literatura proposta pelos formalistas russos na década de 1920<sup>1</sup> e que postula a existência de diferentes sistemas literários estruturados hierarquicamente e em permanente estado de transformação. A motivação do teórico israelense para desenvolver o modelo adveio de seu interesse em resolver certos problemas muito específicos relacionados à teoria de tradução e ao complexo desenvolvimento da literatura hebraica (Even-Zohar, 1990: 1). Em linhas gerais, a teoria dos polissistemas concebe uma cultura como um grande sistema, que não só agrega uma série de sub-sistemas como se relaciona com outros sistemas paralelos, ou co-sistemas. Entendendo *sistema* como uma rede fechada de relações na qual o valor de cada elemento é uma função das relações específicas das quais participa (ibidem, p. 9), Even-Zohar concebe o *polissistema* como uma estrutura aberta composta de vários sistemas, ou seja, de várias redes simultâneas de relações que se interpenetram e se sobrepõem, em um processo contínuo caracterizado pelo dinamismo e pela flexibilidade. Os sistemas são, também, organizados hierarquicamente, em decorrência das relações de poder que nele se instauram. A posição canônica é a central, enquanto que na periferia encontram-se os elementos não hegemônicos ou não dominantes. Dessa forma, os elementos do polissistema estão em contínua luta – enquanto os elementos hegemônicos não querem perder esse status, os periféricos se esforçam para desalojar os primeiros e ocupar sua posição. A literatura, que constitui o polissistema literário – inserido, por sua vez, no polissistema cultural –, é concebida como um fator que integra as atividades humanas em geral, e não como uma atividade social isolada, regulada por leis exclusivas. Na avaliação de Mary Snell-Hornby, “literatura”, assim compreendida, deixa de ser estática e distante, como a concebem os canonistas, para tornar-se uma ambiência altamente cinética, cujos elementos estão em constante mutação (1988: 24).

Um corolário importante dessa visão de literatura como polissistema é que todas as manifestações observadas, centrais ou periféricas, são consideradas elementos do sistema e, como tal, relevantes enquanto objeto de pesquisa. A consequência imediata de tal fato é o interesse, por parte dos pesquisadores, no estudo de gêneros, temáticas ou modelos textuais vistos como “menores” ou menos nobres, como é o caso da literatura traduzida.

Even-Zohar postula a existência do sistema de literatura traduzida nos polissistemas literários, sob o argumento de que nenhum observador de histórias literárias pode deixar de levar em conta o impacto das traduções e da sua função na sincronia e diacronia de uma dada literatura (1990). Em seu modelo, que permite investigar as traduções na sua relação sistêmica com o polissistema

---

<sup>1</sup> A influência do formalismo russo observa-se principalmente a partir das idéias da segunda fase do movimento, com especial destaque para as contribuições de Yuri Tynianov, que procurou dotar o modelo de perspectiva histórica e levar em conta as realidades sociais.

literário circundante, a literatura traduzida pode ser inovadora ou conservadora, e ocupar uma posição central ou periférica – imaginando-se, naturalmente, um eixo bipolar com todas as variações de grau possíveis. A posição ocupada pela literatura traduzida vai, naturalmente, afetar as normas tradutórias, as preferências literárias e a política editorial com respeito a material traduzido. Quando as obras traduzidas ocupam uma posição central, cria-se um clima propício à introdução de novos modelos poéticos baseados na forma do texto de partida, que disputam espaço com os modelos disponíveis na literatura do sistema-meta.

Por sua vez, o paradigma descritivista – desenvolvido em meados dos anos 1970 por comparatistas e estudiosos da tradução europeus, dentre os quais se destacam Gideon Toury, André Lefevere, José Lambert, Theo Hermans, Dirk Delabastita e Lieven D'hulst – fundamenta-se na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas: a própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais observados em determinados momentos históricos. Em termos epistemológicos, baseia-se nos postulados da teoria polissistêmica, quais sejam, uma visão sistêmica da literatura e a identificação da literatura traduzida como um dos sistemas do polissistema literário. Enquanto a teoria dos polissistemas busca entender o comportamento dos sistemas culturais, os DTS voltam-se para o sistema de literatura traduzida a fim de examinar o comportamento dos tradutores, que vêm como regido por normas.

Os estudos descritivos, com base no modelo polissistêmico, priorizam o referencial do pólo receptor, concebendo a tradução como um sistema que interage com vários outros sistemas semióticos desse pólo e como uma força modeladora de sua literatura. O teórico André Lefevere (1985, 1992) ampliou o modelo ao agregar-lhe novas dimensões, como a de poder. Ele enfatiza o papel dos agentes de continuidade cultural na transformação de textos de autores e culturas estrangeiras, revelando um mecanismo de controle que denomina *patronagem* – ou seja, os poderes (pessoas, instituições) que auxiliam ou impedem a escrita, a leitura ou a reescrita da literatura (Lefevere, 1985: 227). Em última análise, a tradução parece ter sempre uma relação íntima com as práticas econômicas, os sistemas de patronagem e forças atuantes no desenvolvimento da indústria editorial; mas o texto traduzido também tende a ser sobredeterminado por várias ideologias – quer estéticas, políticas ou econômicas. O modelo dos DTS, portanto, leva o estudioso a considerar os vários elementos que concorrem para a natureza de uma tradução, em análises que poderão focar uma grande variedade de traduções produzidas num certo período, o desenvolvimento histórico de uma tradução e suas funções culturais em uma determinada sociedade, e a influência do mercado editorial na produção e disseminação de obras traduzidas.

Consideramos a abordagem descritivista excepcionalmente instrumental para o tipo de pesquisa aqui realizada, que teve como *corpus* todas as traduções produzidas no sistema cultural brasileiro a partir de peças do cânone shakespeariano. Informada por essa abordagem, a pesquisa:

- (i) considera como objeto de estudo todo e qualquer texto que tenha circulado ou ainda circule como tal em uma determinada cultura, ou seja, que tenha sido ou ainda seja considerado um substituto reconhecido de um outro texto, produzido anteriormente em outra língua. Isso significa que os conceitos essencialistas de tradução (ou as tentativas de formulá-los) serão deixados de lado, bem como as possíveis distinções, em termos de legitimidade como objeto de pesquisa, entre os trabalhos produzidos por tradutores mais conhecidos ou celebrados, ou em edições mais sofisticadas, e outros igualmente disponíveis, embora fruto de projetos menos ambiciosos ou direcionados a um outro tipo de público;
- (ii) adota uma visão de *equivalência* não mais como uma característica intrínseca daquilo a que se denomina tradução, ou seja, um pressuposto de toda a tradução, mas sim como o resultado da aceitação de um texto como tradução. Como diz Hermans (1991), *equivalência* refere-se à relação existente entre dois textos, um

dos quais é reconhecido como tradução do outro. Nesse sentido, nenhuma tradução brasileira do teatro shakespeariano será descartada *a priori*, sob pretexto de não ser “boa” ou não ter “equivalência” com o original; serão analisadas todas as traduções publicadas que tiverem circulado na nossa cultura como correspondendo a uma peça de Shakespeare.

## 2 A base de dados

A base de dados é composta por 159 traduções diferentes das 37 peças do cânone dramático shakespeariano. Todas elas foram feitas por tradutores brasileiros a partir de um texto-fonte integral em inglês e foram publicadas sob forma de livro. Não fazem parte da base de dados traduções apresentadas como adaptações ou recriações em graus variáveis, inclusive as voltadas para o público infantil e/ou juvenil, assim como versões feitas especialmente para montagens teatrais e que não foram publicadas por editoras. Em relação ao número total de peças produzidas por Shakespeare, atualmente consideram-se 39, mas as duas mais recentemente incorporadas ao cânone, *Eduardo III* e *Os dois parentes nobres*, ainda não têm traduções publicadas no Brasil.

Para reunir o acervo de traduções publicadas e respectivos paratextos, que constitui parte do *corpus* da pesquisa, foi feito um levantamento junto a bibliotecas, centros de estudo, editoras, livrarias e sebos. A outra parte do *corpus* é formada por metatextos, que também foram reunidos a partir de um amplo levantamento, junto a arquivos (impressos, microfilmados e virtuais) de origens diversas, dos comentários, resenhas, críticas, *press releases* ou qualquer outro tipo de notícia ou menção relevante acerca das traduções. Em princípio, todas as informações são importantes: desde a notícia de que uma determinada tradução foi feita por encomenda de um diretor teatral (como a tradução de *Otelo* feita por Onestaldo de Pennafort em 1956 e publicada no mesmo ano, realizada a pedido a companhia teatral Tonia-Celi-Autran) até uma carta ou e-mail de um tradutor fazendo comentários sobre o seu trabalho. Esses dados podem fornecer *insights* valiosos sobre os projetos tradutórios, as instruções da editora ao tradutor, a reação dos leitores/espectadores e críticos e a fortuna crítica dos trabalhos.

Cada uma das 159 traduções do *corpus* foi objeto de uma descrição e apresentação detalhadas, e os resultados da análise foram incorporados a fichas catalográficas individuais incluindo, dentre outros, os seguintes campos: **dados biográficos do tradutor** (na maioria das vezes, obtidos por meio de entrevistas conduzidas com os tradutores ou pessoas próximas), **características da tradução** (dicção, estilo, registro, esquema rímico e métrico, etc.), **características da edição** (se bilíngüe ou monolíngüe, inserida em alguma coleção ou série, contendo notas, prefácios e outros tipos de paratexto, destaque dado ao nome do tradutor, presença de informações como a edição em inglês usada para a tradução, etc.) e **recepção crítica** (avaliada a partir de resenhas e notícias divulgadas na mídia e de declarações, avaliações e comentários publicados ou obtidos por meio de entrevistas). Essas fichas estão disponíveis para consulta por palavras-chave no portal “Escolha seu Shakespeare”, do Centro de Referência para Traduções Brasileiras da Obra de William Shakespeare. O portal recebeu essa denominação por ter a proposta de ajudar os leitores e interessados a encontrar as traduções brasileiras que mais correspondem às suas próprias expectativas, ou seja, a escolher o “seu” Shakespeare dentre as edições disponíveis.

## 3 O portal “Escolha seu Shakespeare”

Passamos agora a descrever a estrutura do portal e apresentar as informações nele contidas. A página inicial oferece, à esquerda, um menu de pesquisa; a parte central está reservada para o que foi ativado pela seção do menu escolhida, e à direita, há um campo intitulado “Destaque”, onde são divulgadas notícias relacionadas às traduções brasileiras, como lançamentos de livros e peças em cartaz que adotem algumas das traduções analisadas.

No menu à esquerda, temos as seguintes seções:

- INÍCIO, que ativa o texto de apresentação do projeto.
- SHAKESPEARE E TRADUÇÃO, que fala um pouco sobre a obra shakespeariana e os novos estudos e “leituras”, que são traduções no sentido mais amplo do termo.
- BASE DE DADOS, que é a parte mais central do trabalho. Ela contém as 159 fichas completas, nas quais cada tradução publicada é alvo de uma descrição e apresentação detalhadas, como já mencionado.

As consultas à base de dados podem ser feitas por palavras-chave, que são as seguintes:

- título em inglês
- título em português
- nome do tradutor
- características da tradução
- ano de publicação
- editora

Caso alguém queira fazer a consulta por título em inglês, para ver quantas traduções para o português do Brasil publicadas de alguma peça, basta digitar uma palavra do título. Esta pode ser, por exemplo, “antony”, para buscar as traduções existentes da peça *Antony and Cleopatra*. Ao clicar em “pesquisar”, serão visualizadas as fichas resumidas de todas as traduções dessa obra publicadas em português do Brasil, que são seis (por Carlos Alberto Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Barbara Heliodora, José Roberto O’Shea, Geraldo Silos, Beatriz Viégas-Faria). Se quiser saber mais sobre cada uma dessas traduções, pode clicar no *link* “Clique aqui para ver a ficha completa desta tradução”, que disponibilizará um arquivo em .pdf com as novas informações.

A ficha completa é composta pelos seguintes campos:

PEÇA:

TÍTULO TRADUZIDO:

TRADUTOR(A):

DADOS BIOGRÁFICOS DA TRADUTORA:

EDITORIA:

COLEÇÃO:

LOCAL E DATA DE PUBLICAÇÃO:

NÚMERO DE PÁGINAS:

TEXTO-FONTE:

EDIÇÃO:

CARACTERÍSTICAS DO VOLUME:

CAPA:

ORELHA:

QUARTA CAPA:

TEXTOS DE APRESENTAÇÃO:

NOTAS:

CARACTERÍSTICAS DA TRADUÇÃO:

MOTIVAÇÃO DA TRADUÇÃO

RECEPÇÃO CRÍTICA:

MONTAGENS TEATRAIS FEITAS A PARTIR DESTA TRADUÇÃO:

REEDIÇÕES/REIMPRESSÕES:

DISPONIBILIDADE:

Voltando à página de abertura, as demais seções do menu apresentado são as seguintes:

- LINKS ÚTEIS, que levam a outros portais de interesse, dentre eles, Folger Shakespeare Library, Centro de Estudos Shakespearianos (CESh), OpenSource Shakespeare (que oferece um software de concordância que permite buscas por itens lexicais na obra completa de Shakespeare) e um que traz traduções brasileiras digitalizadas de 22 peças.

- BIBLIOGRAFIA, que contém referências sobre Shakespeare em tradução, com *links* para a versão digitalizada de alguns trabalhos.

- CONTATO, para interação com visitantes, que poderão fornecer informações que atualizem e complementem os dados disponíveis e/ou oferecer sugestões, críticas e comentários.

## **Conclusão**

Desde a primeira tradução brasileira publicada do texto integral de uma peça do cânone shakespeariano, feita diretamente do inglês — o Hamlet de Tristão da Cunha, publicado em 1933 — foram surgindo muitas outras versões brasileiras de peças de Shakespeare a partir de um texto-fonte em língua inglesa, empreendidas por poetas, escritores, estudiosos e tradutores profissionais. Depois de um início tímido, com poucas novas traduções por decênio, variando de três a sete, houve uma grande aceleração no ritmo de publicações durante os anos 1990, alcançando-se a marca de 24, sem contar as reimpressões. Essa tendência não se reverteu com a virada do século, na medida em que do ano 2000 à primeira metade de 2008 já foram lançadas 41 novas traduções, como observado na introdução deste trabalho — novamente sem contar as reimpressões, que têm sido bastante frequentes —, além das seis que estão no prelo. Até o momento, já passam de 30 os tradutores que ajudaram a construir o cânone shakespeariano em português. Apenas Carlos Alberto Nunes e os parceiros F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes verteram os 37 títulos do cânone dramático tradicional, mas logo Barbara Heliodora alcançará a mesma marca, visto que já traduziu 30 peças, das quais 20 estão publicadas, e está trabalhando nas que faltam para completar o teatro completo, por encomenda da editora Nova Aguilar. Cabe também registrar a significativa contribuição de Beatriz Viégas-Faria, com 16 peças traduzidas até 2008 e mais uma em andamento, por encomenda da editora L&PM; de Millôr Fernandes, com quatro traduções, também pela L&PM, e José Roberto O'Shea, com três traduções publicadas, uma quarta no prelo e outra em fase de conclusão.

Em termos de características da tradução, é possível observar uma distribuição equilibrada entre os textos que reproduzem a combinação shakespeariana original de verso branco, verso rimado e prosa, e os traduzidos integralmente em prosa, eventualmente mantendo em verso as canções. Millôr Fernandes, Beatriz Viégas-Faria e os parceiros Cunha Medeiros e Oscar Mendes estão entre os tradutores que privilegiam a prosificação, enquanto que Barbara Heliodora, Onestaldo de Pennafort, Carlos Alberto Nunes, Jorge Wanderley e José Roberto O'Shea são alguns dos que transformaram o pentâmetro jâmbico em versos decassilábicos. Existem, ainda, umas raras incursões pelo dodecassílabo, pelas quais são responsáveis Péricles Eugenio da Silva Ramos (Hamlet), Artur de Sales (Macbeth) e, contemporaneamente, Lawrence Flores Pereira, também com Hamlet, ainda no prelo.

No que diz respeito ao projeto editorial, uma tendência atual bastante forte é a das edições em formato de bolso, adotado pelas editoras L&PM série Pocket, Martin Claret e Lacerda, que pertence

ao mesmo grupo editorial da Nova Aguilar, sendo que, no caso das duas primeiras, há um foco na comercialização em outros pontos de venda além das livrarias, a preços reduzidos.

Para o crítico e shakespeareanista brasileiro Eugênio Gomes (1960), as traduções da obra de Shakespeare no Brasil deveriam ser refeitas periodicamente, como sucede em outros países. Dessa forma, a existência de várias traduções em português do Brasil de uma mesma peça pode significar, para o leitor, a oportunidade de escolher, entre os diversos “Shakespeares” com sotaque brasileiro, aquele com o qual tende a se identificar mais, que mais se aproxima do seu imaginário, que mais corresponde à sua idéia do autor e de sua obra. Nosso propósito, então, é facilitar essa tarefa, possibilitando que os interessados na dramaturgia shakespeareana saibam, de antemão, qual é o leque de opções disponíveis, levando a escolhas mais informadas e adequadas.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.
- [2] TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- [3] BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. Tradução brasileira de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.
- [4] EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Poetics Today* 11:1, 1990. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez>. Acesso em: 03 jun. 2008.
- [5] GOMES, Eugenio. *Shakespeare no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1960.
- [6] LEFEVERE, André. Why Waste our Time on Rewrites? The Trouble of Interpretation and the Role of Rewriting in an Alternative Paradigm. In: HERMANS, Theo (org.). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London: Croom Helm, 1985.
- [7] \_\_\_\_\_. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1992.
- [8] \_\_\_\_\_. Translational Norms and Correct Translations. In: LEUWEN-ZWART, K. M.; NAAIJKENS, T. (orgs.). *Translation Studies: The State of the Art*. Proceedings of the First J. S. Holmes Symposium on Translation Studies. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1991.

---

<sup>1</sup> Marcia A. P. MARTINS, Profa. Dra.  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
Departamento de Letras  
[martins@domain.com.br](mailto:martins@domain.com.br)